



IMPACTO GERADO PELA COVID-19 NA APRENDIZAGEM DOS DISCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Temas Livres em Gestão, Atuária e Contabilidade Geral – TEM

DOI: <https://doi.org/10.29327/1680956.11-82>

JOSÉ MATEUS GONÇALVES

Universidade Federal de Alagoas

josemateus@delmiro.ufal.br

MARIA JOSÉ PEREIRA DE AQUINO

Universidade Federal de Alagoas

mariajose@delmiro.ufal.br

PAULO HENRIQUE LEITE VALENÇA

Universidade Federal de Alagoas

phlv2014@gmail.com

MARCOS IGOR DA COSTA SANTOS

Universidade Federal de Alagoas

marcosigor@delmiro.ufal.com

RESUMO

O estudo investigou os efeitos da pandemia da COVID-19 na aprendizagem dos estudantes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), situado no Campus do Sertão. A pesquisa destacou a transição abrupta para o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e seus impactos nas dinâmicas acadêmicas, considerando especialmente as dificuldades de acesso tecnológico, a falta de estrutura e os efeitos socioemocionais. Com abordagem quantitativa e descritiva, o estudo aplicou questionários a discentes do 3º e 4º anos, coletando dados entre junho e outubro de 2024. Os resultados apontaram que a maioria dos estudantes enfrentou desafios como dificuldade de concentração, desmotivação e deficiência de infraestrutura tecnológica. Muitos também relataram ansiedade e um sentimento de sobrecarga acadêmica no retorno ao ensino presencial. As principais dificuldades na transição incluíram o volume de conteúdo acumulado, o acompanhamento do ritmo das aulas e a necessidade de apoio psicológico. As sugestões dos discentes para amenizar os impactos incluíram maior flexibilidade nos prazos de avaliações, oferta de aulas de reforço, melhoria na infraestrutura e suporte emocional. O estudo concluiu que a pandemia evidenciou as fragilidades do ensino superior diante de crises e ressalta a necessidade de estratégias mais inclusivas, como a adoção de metodologias híbridas, capacitação docente e políticas de suporte ao aluno, visando tornar a educação mais resiliente e equitativa.

Palavras-chave: COVID-19; ensino remoto emergencial; aprendizagem; Ciências Contábeis.

1 INTRODUÇÃO

A transição abrupta para o ensino remoto e as restrições impostas pela crise sanitária causada pela pandemia da Covid-19 (2020-2023) impactaram a experiência de aprendizado em diversos níveis

de formação educacional. Desta forma, é importante destacar a relevância social de estudos que busquem compreender os desafios enfrentados por discentes, professores e gestores educacionais nesse período.

Os desafios impostos pelo ensino remoto trouxeram questões como a adaptação a novas tecnologias, dificuldades de acesso à internet e necessidade de novas metodologias pedagógicas. Este estudo busca compreender, assim, como essas transformações influenciaram o processo educacional e identificar estratégias para mitigar efeitos adversos provocados em discentes e docentes.

O objetivo é buscar evidenciar como essa nova estrutura de aprendizagem impactou os atores envolvidos e propor soluções eficazes que garantam a qualidade do ensino, contribuindo para políticas e práticas educacionais que promovam a continuidade do aprendizado e a preparação dos estudantes para desafios futuros.

Dessa forma, torna-se imprescindível analisar como a pandemia modificou a interação entre professores, alunos e sociedade, bem como os impactos sociais e psicológicos que podem ter afetado o aprendizado e quais possíveis alternativas podem reduzir ou até mesmo extinguir essas ocorrências.

Além disso, o estudo pretende fomentar o debate sobre a integração entre tecnologia e ensino em longo prazo, incentivando a adoção de metodologias híbridas e inovadoras. Ao considerar as lições aprendidas durante o período pandêmico, esta pesquisa visa colaborar com a construção de um modelo educacional mais adaptável, que valorize tanto a qualidade técnica quanto o acolhimento emocional dos estudantes em sua trajetória acadêmica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ENSINO REMOTO E DESAFIOS EDUCACIONAIS DURANTE A PANDEMIA

A pandemia da Covid-19 (SARS-Cov2) afetou todas as esferas sociais, a Educação não foi exceção. As instituições de ensino tiveram que interromper as aulas presenciais no começo de 2020, em virtude do isolamento e das medidas de segurança adotadas para conter e diminuir a disseminação do novo coronavírus. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2020a), o encerramento temporário das atividades das Instituições de Ensino Superior (IES) foi fenômeno que afetou cerca de 23,4 milhões de estudantes universitários e 1,4 milhão de professores na América Latina e Caribe, o que correspondeu a aproximadamente 98% do total de estudantes e professores.

Diante desse cenário, em diversos países, as instituições de ensino superior começaram a adotar o ensino remoto emergencial (ERE) como tática para lidar com a necessidade de isolamento social pela situação pandêmica, de maneira a conter a disseminação do vírus. Tratou-se de um modelo emergencial de educação à distância do local de realização, que foi alternativo e temporário em relação ao ensino presencial. As aulas eram transmitidas em tempo real através das tecnologias digitais.

Diferentemente do modelo de Educação a Distância (EaD), este formato foi similar às aulas presenciais, por ocorrer no mesmo horário do ensino presencial, com docente e estudantes podendo interagir (Arruda, 2020; Hodges *et al.*, 2020). Também em contraste com a EaD, que era previamente planejada e estruturada com o uso de plataformas digitais, o ensino remoto foi implementado de forma rápida e improvisada para garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem (Hodges *et al.*, 2020). Assim, professores e estudantes tiveram que se adaptar às tecnologias digitais para manter o processo de ensino-aprendizagem.

O ERE evidenciou ainda mais as disparidades sociais, já que muitos estudantes não tinham acesso às tecnologias digitais, com acesso razoável (para vídeo) pela internet. Igualmente, muitos docentes não estavam preparados para a mudança do formato presencial para o online, não possuindo

um conhecimento básico de letramento digital. No que diz respeito às escolas, uma parte não dispunha de infraestrutura apropriada, evidenciando a ausência de planejamento nas instituições de ensino (Arruda, 2020; Cunha e Schlünzen, 2021; Hodges *et al.*, 2020; Moreira, 2022).

Diante desse cenário, o nível de satisfação dos discentes com a graduação foi diminuindo gradativamente e, se tratando do campo educacional, é necessário analisar os fatores que afetam o ensino superior. Paswan e Young (2002) demonstram que as seguintes variáveis podem afetar o grau de satisfação: o envolvimento dos docentes, interesse dos discentes, exigências do curso, interação entre aluno e professor. Já para Rodrigues (2015), há outros fatores que impactam no grau de satisfação dos alunos, como a socialização, as amizades em grupo, a identificação com o curso, o mercado de trabalho, a didática e as habilidades de ensino.

De acordo com Morales (2020), ou outros fatores específicos de cada estudante também podem influenciar essa nova dinâmica de ensino:

Adaptar-se a uma nova rotina não é tão simples para muitos alunos, que relatam problemas com ansiedade e sono desregulado. A situação e o contexto do ensino remoto fazem com que os estudantes se sintam ligados o tempo todo. Além disso, muitos deles, em situação de vulnerabilidade, precisaram acrescentar atividades domésticas no seu dia a dia.

Em suma, o ensino remoto emergencial foi uma resposta necessária às circunstâncias excepcionais impostas pela pandemia da COVID-19, mas revelou uma série de desafios que vão além da adaptação tecnológica e pedagógica. As desigualdades no acesso à internet e dispositivos, combinadas à falta de preparo docente e ao impacto psicológico nos alunos destacaram a vulnerabilidade do sistema educacional em situações de crise. O que nos leva às especificidades dos efeitos quantitativos da pandemia no ensino superior, algo que será discutido a seguir neste trabalho.

2.2 IMPACTOS DA PANDEMIA NO ENSINO SUPERIOR

A pandemia interrompeu 91% das atividades dos estudantes em todo o mundo (UNESCO, 2020a). Em meados de abril de 2020, havia projeções sugerindo que as medidas de controle da pandemia poderiam ser estendidas por dois ou três meses, porém, estudos científicos publicados em seguida demonstraram a necessidade de estender a duração da quarentena, o que gerou o retorno às atividades relacionadas ao presencial de forma controlada para ter baixo risco de contágio (Kissler *et al.*, 2020). Essa realidade impôs novos desafios para as Instituições de Ensino Superior (IES), que precisaram se adaptar para reduzir danos pedagógicos e riscos à saúde pública.

A pandemia da Covid-19 impactou os sistemas educacionais globalmente. Em mais de 150 nações, resultou no encerramento massivo das atividades de instituições educacionais, incluindo escolas, universidades e faculdades (UNESCO, 2020a). Este encerramento foi resultado de projeções baseadas em dados científicos, que precedem que o período de confinamento duraria, no máximo, 90 dias (Who, 2020).

Aproximadamente um mês após a declaração de emergência em saúde pública de relevância nacional devido à Covid-19 no Brasil e a implementação de ações para sua contenção (Brasil, 2020a), o Comitê Operacional de Emergência do Ministério da Educação (COE-MEC) foi estabelecido (Brasil, 2020b). A partir deste comitê, a Portaria n. 343/2020 (modificada pelas Portarias n. 345/2020 e n. 395/2020) e uma Medida Provisória (n. 934/2020) foram divulgadas, autorizando a troca de aulas presenciais por aulas online que empregassem tecnologias de informação e comunicação, com a exceção de aspectos, práticas laboratoriais e, para os cursos de Medicina, internatos. A publicação desses documentos também permitiu a flexibilização dos dias de aula, contanto que fosse mantida a carga horária mínima dos cursos (BRASIL, 2020c, 2020d). Os documentos mencionados



anteriormente permitiram que as instituições de ensino superior respondessem ao período de confinamento, suspendendo as atividades presenciais ou trocando-as por aulas de forma remota.

A situação de pandemia fez com que as instituições de ensino superior decidissem por novos métodos sobre como gerenciar os processos de ensino e aprendizagem, garantindo a proteção dos participantes (professores, alunos e colaboradores) contra a contaminação e disseminação do vírus (Hodges *et al.*, 2020). A interrupção das aulas presenciais fez com que muitas delas escolhessem o Ensino Remoto Emergencial como um método alternativo para seguir com o ano acadêmico.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem quantitativa e descritiva, com o objetivo de analisar os impactos da pandemia da COVID-19 na aprendizagem dos discentes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Santana do Ipanema. A investigação busca compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante o ensino remoto emergencial, bem como os efeitos da transição para o ensino presencial.

Para isso, foi realizada a aplicação de um questionário estruturado, permitindo a obtenção de dados objetivos e mensuráveis sobre a percepção dos alunos quanto à sua formação acadêmica nesse período. O estudo adota um delineamento transversal, em que os dados foram coletados em um único momento, possibilitando uma análise detalhada das experiências dos discentes que vivenciaram a interrupção das atividades presenciais e a consequente adaptação ao modelo remoto. Assim, a metodologia empregada permite traçar um panorama fiel das dificuldades e estratégias adotadas pelos estudantes para minimizar os impactos da pandemia em seu aprendizado.

A população-alvo da pesquisa compreendeu os estudantes matriculados no 3º e 4º anos do curso de Ciências Contábeis da UFAL, Campus Sertão e totalizou 142 discentes. A escolha desses períodos se justifica pelo fato de que esses alunos cursaram disciplinas tanto no período do ensino remoto emergencial quanto no retorno às atividades presenciais, o que possibilita uma comparação entre os dois formatos e uma avaliação das principais mudanças na aprendizagem. A amostra foi definida por conveniência, sendo composta pelos estudantes que voluntariamente responderam ao questionário.

No total, 51 discentes participaram da pesquisa, fornecendo informações essenciais para a análise proposta. Como a pesquisa objetiva compreender as percepções e experiências individuais dos discentes, a participação foi estimulada por meio da divulgação do formulário em grupos de WhatsApp, com apoio dos representantes de turma, garantindo um alcance mais amplo. Dessa forma, o estudo se propôs a captar uma visão abrangente dos desafios enfrentados pelos alunos e das suas percepções sobre o impacto da pandemia na sua trajetória acadêmica.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário estruturado, elaborado na plataforma Google Forms, contendo perguntas fechadas e abertas. A elaboração do questionário foi inspirada no instrumento desenvolvido por Paulino *et al.* (2023), que avaliou a percepção do ensino remoto emergencial por discentes em uma escola de ensino superior de saúde.

O questionário foi dividido em quatro seções principais: a primeira abordou o perfil sociodemográfico dos participantes, incluindo informações sobre idade, sexo, município de residência e período cursado; a segunda seção investigou a infraestrutura e o acesso ao ensino remoto, avaliando aspectos como a qualidade da conexão à internet, os dispositivos utilizados para assistir às aulas e o ambiente de estudo dos estudantes durante a pandemia; a terceira seção foi destinada à percepção dos discentes sobre o aprendizado no ensino remoto, abordando questões como adaptação

às metodologias empregadas, dificuldades enfrentadas e impactos no desempenho acadêmico; por fim, a quarta seção tratou da percepção dos alunos sobre o retorno ao ensino presencial, explorando os desafios da readaptação, a comparação entre os formatos e sugestões para aprimoramento das práticas pedagógicas.

A coleta de dados foi realizada entre junho até outubro de 2024 e, durante esse intervalo, foram feitos lembretes e reforços na divulgação para garantir uma maior participação dos alunos, além de obter um panorama mais abrangente da percepção dos estudantes. A duração estendida da coleta permitiu contemplar um maior número de respostas e captar variações nas percepções dos discentes ao longo do tempo.

Após a finalização do período de coleta, os dados foram organizados e analisados por meio de estatística descritiva, com os resultados apresentados em tabelas de frequências absolutas e relativas. A estruturação das informações possibilitou uma visualização clara dos padrões identificados, abordando aspectos como o perfil dos discentes, as condições de acesso ao ensino remoto, as dificuldades encontradas no aprendizado durante a pandemia e a percepção sobre a retomada das aulas presenciais. A abordagem quantitativa permitiu uma análise objetiva, facilitando a interpretação dos dados de forma sistematizada e coerente com os objetivos do estudo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E DAS CONDIÇÕES DE ACESSO À INTERNET DOS DISCENTES

A análise do perfil sociodemográfico dos respondentes constitui uma etapa essencial para a contextualização e interpretação dos dados coletados. A partir dessas informações, é possível compreender melhor as particularidades do grupo investigado e identificar variáveis que possam ter influenciado diretamente suas vivências no processo educacional, especialmente no que se refere à transição entre os formatos remoto e presencial. Dentre os aspectos analisados, a faixa etária é um dos elementos relevantes, uma vez que a idade pode interferir na adaptação às tecnologias, no engajamento com as atividades acadêmicas e na forma como os discentes enfrentaram os desafios impostos pela pandemia.

A Tabela 1, apresentada a seguir, expõe a distribuição dos participantes da pesquisa conforme a faixa etária, possibilitando observar a predominância de determinados grupos etários entre os discentes investigados, o que pode repercutir nas percepções relacionadas à aprendizagem no contexto pandêmico e pós-pandêmico.

Tabela 1 – Idade

	Frequência	Percentual
De 17 a 21 anos	8	15,7
De 21 a 30 anos	42	82,3
Acima de 31	1	2
Total	51	100

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

A análise do perfil dos estudantes revelou que a maioria dos participantes da pesquisa têm

entre 21 e 30 anos (82,3%), seguido por 17 a 21 anos (15,7%) e um pequeno percentual acima de 31 anos (2,0%). Esse dado é coerente com estudos da OCDE (2020), que indicam que a maior parte dos universitários brasileiros se encontra nessa faixa etária de 21 a 30 anos.

A predominância de alunos jovens sugere um maior domínio das tecnologias digitais por serem de uma geração que lida com diversas atividades socioculturais a partir da mediação tecnológica desde plataformas de internet, o que poderia ter facilitado a adaptação ao ensino remoto emergencial. No entanto, conforme apontado por Hodges *et al.* (2020), a transição para esse modelo educacional não se trata apenas da familiaridade com a tecnologia, mas também da necessidade de suporte adequado para garantir a aprendizagem efetiva.

A análise do perfil dos respondentes também contempla a variável sexo, a qual é relevante para identificar possíveis diferenças de percepção quanto aos impactos educacionais vivenciados durante a pandemia. A Tabela 2, apresentada a seguir, demonstra a distribuição dos participantes da pesquisa segundo o gênero, contribuindo para uma compreensão mais ampla das características da amostra investigada.

Tabela 2 – Gênero

	Frequência	Percentual
Feminino	34	66,7
Masculino	18	33,3
Total	51	100

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Os resultados mostraram uma predominância feminina entre os respondentes, com 66,7% mulheres e 33,3% homens. Esse fenômeno está alinhado com os dados da UNESCO (2020a), que apontam um crescimento da participação feminina no ensino superior. No entanto, essa representatividade não necessariamente implica igualdade de oportunidades acadêmicas e profissionais. Estudos sobre a atuação das mulheres na contabilidade evidenciam que, apesar do aumento na participação feminina, ainda há desafios quanto à equidade no mercado de trabalho, especialmente em relação à progressão na carreira e ao acesso a cargos de liderança (SILVA; MELO; SANTOS, 2018). Dessa forma, é fundamental que a educação superior promova estratégias para reduzir as desigualdades e ampliar as oportunidades para as mulheres na área contábil.

A consideração do período acadêmico dos discentes é um fator relevante para a presente análise, uma vez que somente os estudantes a partir do 6º período vivenciaram tanto o contexto anterior quanto o posterior à pandemia da COVID-19. Diante disso, a amostra foi composta por alunos do 6º, 7º, 8º e demais períodos. A Tabela 3, apresentada a seguir, demonstra a distribuição dos participantes conforme o período cursado no momento da pesquisa, permitindo uma análise mais precisa sobre os efeitos da pandemia ao longo da trajetória acadêmica desses estudantes.

A Tabela 3, apresentada a seguir, detalha as modalidades de acesso à internet, permitindo uma análise sobre como essas variações podem ter influenciado a experiência acadêmica dos estudantes durante a pandemia.

Tabela 3 – Tipo de internet

	Frequência	Percentual
Internet do celular	5	9,8
Wi-fi residencial	46	90,2

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Sobre o tipo de conexão utilizada pelos estudantes, a maioria (90,2%) possui Wi-Fi residencial, enquanto 9,8% dependem exclusivamente da internet móvel. Esse dado revela que, embora a maior parte dos alunos tenha acesso à internet fixa, ainda há uma parcela que enfrenta limitações, o que pode comprometer sua participação em atividades síncronas e a realização de pesquisas acadêmicas. Segundo Kaplan e Haenlein (2020), a conectividade de qualidade é um elemento fundamental para a educação online, pois afeta diretamente a capacidade do aluno de interagir com professores, acessar materiais e desenvolver atividades acadêmicas.

A Tabela 4 a seguir detalha as diferentes classificações da qualidade da conexão, oferecendo uma perspectiva sobre como variações nesse aspecto podem ter afetado o desempenho e a participação dos estudantes.

Tabela 4 - Qualidade da internet

	Frequência	Percentual
Insatisfatória	2	3,9
Regular	27	52,9
Boa	22	43,2
Total	51	100

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Além disso, a qualidade da internet foi avaliada pelos estudantes como regular (53,9%), boa (43,2%) e insatisfatória (3,9%). Esse resultado sugere que, embora a maioria tenha acesso à internet, a estabilidade da conexão ainda representa um desafio significativo. Means *et al.* (2020) destacam que dificuldades técnicas, como conexões instáveis, podem prejudicar a motivação dos alunos e comprometer seu desempenho acadêmico. Esse fator é especialmente relevante no contexto do ensino remoto emergencial, onde uma internet de baixa qualidade pode resultar em perda de conteúdo e dificuldades na realização de atividades avaliativas.

4.2. PERCEPÇÃO ACERCA DA UTILIZAÇÃO DO ENSINO REMOTO

As tabelas a seguir apresentam os percentuais dos alunos que relataram diferentes dificuldades durante o ensino remoto e sua continuidade no ensino presencial, além das sugestões para melhorar a transição entre os modelos de ensino. Esses dados fornecem uma visão abrangente das principais dificuldades enfrentadas pelos discentes, como a falta de concentração e a desmotivação, bem como das estratégias que poderiam mitigar os impactos adversos do período remoto. A interpretação desses dados será feita à luz da bibliografia revisada, que contextualiza os efeitos da pandemia na educação superior.

Durante o período de ensino remoto, os estudantes enfrentaram diversos obstáculos que impactaram diretamente seu processo de aprendizagem. A Tabela 5 a seguir apresenta os principais desafios relatados pelos participantes, permitindo uma compreensão mais ampla das dificuldades enfrentadas nesse formato de ensino

Tabela 5 - Quais os desafios que foram encontrados no ensino remoto?

	Frequência	Percentual
Desconcentrar-se fácil	26	52
Dificuldade em ler pela tela	3	6
Dificuldade em se organizar/adaptar	15	30
Falta de espaço adequado	6	12
Total	51	100

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Como pode ser observado na Tabela 5, a dificuldade de concentração, apontada por 52,00% dos alunos como um dos principais obstáculos durante o ensino remoto, permaneceu presente no retorno ao ensino presencial, sendo citada por 26 dos participantes. Esse fenômeno sugere um impacto prolongado na capacidade de foco dos discentes, possivelmente agravado pelas lacunas de aprendizado acumuladas ao longo do período remoto. Cunha e Schlünzen (2021) destacam que a transição abrupta para o ensino remoto, sem a preparação pedagógica e tecnológica adequadas, contribuiu significativamente para o desenvolvimento de dificuldades cognitivas e emocionais entre os estudantes, o que pode explicar a continuidade desses efeitos após o retorno ao ensino presencial.

Tabela 6 - Quais foram as principais dificuldades acadêmicas que você enfrentou após o ensino presencial?

	Frequência	Percentual
Dificuldade de acompanhar os ritmos das aulas	10	19,6
Dificuldade de concentração	10	19,6
Falta de motivação	10	19,6
Professores não estavam qualificados para dar aula on-line	7	13,8
Volume de conteúdo acumulado	14	27,4
Total	51	100

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Outro dado relevante, conforme mostrado na Tabela 6, é o elevado percentual de estudantes que relataram desmotivação como um impacto emocional do ensino remoto (19,6%), alinhando-se aos resultados da pesquisa da ABMES (2020), que identificou uma queda no engajamento acadêmico dos universitários durante a pandemia. A desmotivação parece ter afetado diretamente o desempenho acadêmico dos estudantes, refletindo-se em dificuldades como o acompanhamento do ritmo das aulas (19,6%) e o enfrentamento de um volume elevado de conteúdos acumulados (27,4%), conforme evidenciado na Tabela.

Com base nas experiências vivenciadas durante a transição do ensino remoto para o presencial, os participantes indicaram mudanças que, em sua percepção, teriam contribuído para um retorno mais eficiente e acolhedor. A Tabela 7 a seguir reúne essas sugestões, destacando pontos que podem orientar futuras estratégias de adaptação no ambiente educacional.

Tabela 9 - Quais mudanças você sugeriria para melhorar a transição do ensino remoto para o ensino presencial?

	Frequência	Percentual
Apoio psicológico	5	10,0
Aulas de reforço	15	30,0
Flexibilidade nos prazos de entrega de avaliações	18	36,0
Melhoria na infraestrutura tecnológica	12	24,0
Total	51	100,0

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Em relação às sugestões dos alunos para melhorar a transição entre os modelos de ensino, destaca-se a demanda por flexibilização nos prazos de entrega (36,0%) e por aulas de reforço (30,0%), conforme mostrado na Tabela 9. Essas propostas indicam a necessidade de uma política educacional mais sensível ao contexto vivido pelos estudantes durante e após a pandemia, o que também é enfatizado pela UNESCO (2020a), que defende a implementação de medidas compensatórias e de apoio psicopedagógico. Nesse contexto, Matta *et al.* (2017) ressaltam a importância do suporte à saúde mental como prioridade das instituições de ensino superior, especialmente em cenários de crise.

A melhoria da infraestrutura tecnológica corrobora os achados do relatório TIC Domicílios 2024 (CGI.br, 2024), que destaca a desigualdade no acesso a dispositivos e à internet como um dos principais obstáculos à adaptação ao modelo remoto. Essa limitação afetou diretamente a experiência de aprendizagem dos alunos, possivelmente contribuindo para o sentimento de sobrecarga identificado no retorno ao ensino presencial.

Os desafios tecnológicos estão principalmente relacionados à falta de conectividade com a internet e dispositivos eletrônicos. Esse problema pode agravar as desigualdades devido ao acesso desigual à tecnologia necessária para alunos e professores. De fato, nem todos os alunos têm acesso às tecnologias necessárias para aproveitar a educação online, como uma conexão rápida à internet e um computador potente.

O ensino remoto, além dos desafios pedagógicos, provocou impactos relevantes na dimensão socioemocional dos estudantes. A Tabela 10 a seguir apresenta os aspectos mais afetados segundo os participantes, oferecendo subsídios para compreender as repercussões emocionais e psicológicas associadas a esse modelo de ensino.

Tabela 10 - Quais aspectos socioemocionais foram mais impactados durante o ensino remoto?

	Frequência	Percentual
Ansiedade	15	29,4
Desmotivação	36	70,6
Total	51	100,0

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

A partir dos dados apresentados na Tabela 10, observa-se que a desmotivação foi o aspecto socioemocional mais afetado durante o ensino remoto, sendo relatada por 70,6% dos estudantes. A ansiedade também se destacou, mencionada por 29,4% dos participantes. Esses resultados demonstram que o período de afastamento das atividades presenciais impactou significativamente o bem-estar emocional dos discentes, comprometendo sua motivação e concentração, aspectos essenciais para o desempenho acadêmico. Esses achados dialogam com os estudos de Cunha e Schlünzen (2021), que apontam que a ausência de preparo pedagógico adequado para o ensino remoto contribuiu para o agravamento de questões emocionais entre os estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 impôs à educação superior um dos maiores desafios de sua história recente, provocando mudanças abruptas nas dinâmicas de ensino e aprendizagem. Os dados desta pesquisa deixam claro que os efeitos do ensino remoto emergencial ultrapassaram o período da crise sanitária, prolongando seus impactos sobre a trajetória acadêmica e emocional dos estudantes de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Alagoas, Campus Santana do Ipanema.

Os discentes, ao se depararem com a necessidade de adaptar-se rapidamente a um modelo de ensino mediado por tecnologias, enfrentaram inúmeras dificuldades, como a falta de concentração, a desmotivação e a sobrecarga de conteúdo não assimilados de forma adequada. Esses fatores, associados às limitações de infraestrutura tecnológica e à instabilidade emocional, continuam a repercutir negativamente no desempenho acadêmico e na percepção dos estudantes sobre sua própria formação.

A pesquisa demonstrou que, embora a maioria dos alunos tivesse acesso à internet residencial, a qualidade da conexão e a carência de equipamentos adequados ainda foram obstáculos significativos para a participação efetiva no ensino remoto. Tal realidade evidencia profundas desigualdades educacionais que se agravaram durante a pandemia e que ainda persistem, exigindo intervenções efetivas para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

No campo pedagógico, a pandemia expôs a necessidade urgente de reformular práticas de ensino, integrando metodologias híbridas e ativas, que valorizem a autonomia, o pensamento crítico e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem. A utilização de tecnologias digitais, quando bem planejada, pode se tornar uma aliada na construção de um ensino mais dinâmico, interativo e adaptável a diferentes realidades.

Por outro lado, os efeitos emocionais identificados – como a ansiedade, a sensação de isolamento e a desmotivação – revelam que a dimensão afetiva da educação precisa ser incorporada de maneira mais significativa às políticas institucionais. O fortalecimento de programas de apoio psicopedagógico e a criação de espaços de acolhimento e escuta ativa são medidas fundamentais para garantir não apenas a permanência dos estudantes na universidade, mas também seu pleno desenvolvimento acadêmico e humano.

Com base nas respostas dos discentes, ficou evidente que medidas como a flexibilização dos prazos de avaliações, a oferta de aulas de reforço, a melhoria da infraestrutura tecnológica e o apoio psicológico constituem demandas legítimas que, se atendidas, podem contribuir para a superação das lacunas educacionais ampliadas pela pandemia.

Este trabalho permitiu identificar que a crise sanitária, embora trágica, deixou um legado de aprendizado para a educação superior: a necessidade de construir modelos educacionais mais resilientes, democráticos e sensíveis às múltiplas realidades dos estudantes. A preparação para crises futuras exige não apenas investimentos em tecnologia, mas, sobretudo, um compromisso ético com a equidade, a inclusão e a qualidade da educação.

Assim, espera-se que as reflexões aqui desenvolvidas sirvam como subsídio para o aprimoramento das práticas pedagógicas, a formulação de políticas públicas mais eficazes e a consolidação de uma educação superior que, diante das adversidades, se reinvente sem perder de vista seu compromisso fundamental com a formação crítica, ética e transformadora dos indivíduos.

Por fim, reconhece-se que a construção de um futuro educacional mais justo e acessível exige o envolvimento de toda a sociedade – gestores, docentes, estudantes e comunidade – em um esforço coletivo para garantir que a educação cumpra seu papel de direito inalienável e instrumento de



emancipação social.

REFERÊNCIAS

ABMES. **Pesquisa sobre o impacto da pandemia da COVID-19 na educação superior particular brasileira**. Brasília: ABMES, 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

ARRUDA, E. P. de. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de COVID-19**. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 545-578, jul./set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002802874>

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 18 mar. 2020a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 345, de 19 de março de 2020**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 mar. 2020b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 395, de 15 de abril de 2020**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 abr. 2020c.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020**. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2 abr. 2020d.

CGI.br – COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Domicílios 2024: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**. São Paulo: NIC.br, 2024. Disponível em: <https://cetic.br>. Acesso em: 15 jul. 2025.

CUNHA, M. I.; SCHLÜNZEN, E. T. **Educação e pandemia: reflexões sobre ensino remoto, exclusão digital e desigualdades sociais**. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2021. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2021v19i1>

HODGES, C. et al. **The difference between emergency remote teaching and online learning**. *Educause Review*, Mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu>. Acesso em: 15 jul. 2025.

KAPLAN, A. M.; HAENLEIN, M. **Higher education and the digital revolution: About MOOCs, SPOCs, social media, and the Cookie Monster**. *Business Horizons*, v. 62, n. 6, p. 741–748, 2020.

KISSLER, S. M. et al. **Projecting the transmission dynamics of SARS-CoV-2 through the postpandemic period**. *Science*, v. 368, n. 6493, p. 860-868, 2020. <https://doi.org/10.1126/science.abb5793>

MATTA, G. C. et al. **Saúde mental e atenção psicossocial: desafios da pandemia de Covid-19 para o SUS**. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 41, p. 259-266, 2017. <https://doi.org/10.1590/0103-11042017S119>

MEANS, B. et al. **Learning remotely: The challenges of online learning during COVID-19**. *American Educator*, v. 44, n. 2, p. 4-11, 2020.



MORALES, O. D. C. **Os desafios do ensino remoto: o estudante do século XXI.** *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 8, ago. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MOREIRA, J. A. **Ensino remoto emergencial: desafios e possibilidades para a educação básica.** *Revista Exitus*, v. 12, n. 1, p. 1-24, 2022.

PAULINO, D. F. et al. **Percepção discente sobre o ensino remoto durante a pandemia de COVID-19.** *Revista Saúde e Desenvolvimento*, v. 12, n. 11, p. 1-20, 2023.

PASWAN, A. K.; YOUNG, J. A. **Student evaluation of instructor: A nomological investigation using structural equation modeling.** *Journal of Marketing Education*, v. 24, n. 3, p. 193–202, 2002.

RODRIGUES, C. D. **Satisfação discente no ensino superior: análise das dimensões determinantes da qualidade percebida.** Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SILVA, M. R.; MELO, S. C.; SANTOS, G. B. **Mulheres na contabilidade: avanços e desafios na trajetória profissional.** *Revista Universo Contábil*, Blumenau, v. 14, n. 2, p. 6-25, 2018.

UNESCO. **Education: From disruption to recovery.** Paris: UNESCO, 2020a. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 15 jul. 2025.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic.** Genebra: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 15 jul. 2025.